

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

**PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ**

**ENSAIOS EM PSICANÁLISE E LITERATURA**

**Porto Alegre**

**2009**

PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ

## **ENSAIOS EM PSICANÁLISE E LITERATURA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.**

**Orientador:**

**Professor Doutor Edson Luiz André de Sousa**

**Porto Alegre**

**2009**

PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ

## **ENSAIOS EM PSICANÁLISE E LITERATURA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.**

**Orientador:**

**Professor Doutor Edson Luiz André de Sousa**

### **COMPOSIÇÃO DA BANCA:**

**PROFESSORA DOUTORA MARTA REGINA DE LEÃO D'AGORD**

**PROFESSORA DOUTOR MANOEL RICARDO DE LIMA NETO**

**PROFESSORA DOUTORA SIMONE MOSCHEN RICKES**

**Dedico esta dissertação à minha mãe, aos que perdi, aos que me perderam.**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Sônia Regina de Oliveira Monteiro.

Ao professor e orientador Edson Luiz André de Sousa, por me compreender e me incentivar.

Ao escritor Charles Kiefer.

Aos professores que compuseram a banca de argüição.

Ao corpo docente da UFRGS, funcionários e colegas do PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

O excepcional consiste numa qualidade parecida com a do ímã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até idéias que flutuavam virtualmente em sua memória ou em sua sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que, muitas vezes, não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revelasse sua existência. Ou então, para sermos mais modestos e mais atuais ao mesmo tempo, um bom tema tem algo de sistema atômico, de núcleo em torno do qual giram os elétrons; e tudo isto, afinal, já não é uma espécie de proposta de vida, uma dinâmica que nos insta a sair de nós mesmos e a entrar num sistema de relações mais complexo e mais bonito? (Cortázar, *Obra Crítica 2*, 1999, p. 354).

## RESUMO

Os Ensaio em psicanálise e literatura evocam, pelo estilo, a estética e o espírito do pensamento em ato e buscam a um só tempo uma maneira de escrever que não se converta ao que critica. O autor, no primeiro capítulo, toma de empréstimo a personagem de um conto do escritor Jorge Luis Borges para problematizar a memória na contemporaneidade. No capítulo seguinte, faz uma autópsia sobre as motivações da escrita estimulada pela leitura. E no último capítulo, inspirado em Roland Barthes, Gaston Bachelard, Eduardo Galeano e na obra *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, resgata dos capítulos anteriores emblemas e questões abordadas de forma indireta e as transforma em crônica, poemas, axioma e narrativas ficcionais. A unidade e a diversidade interpenetram-se ao longo das páginas, e o leitor ou leitora é quem fará os elos e os incorporará à sua visão de mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita, leitura, psicanálise, literatura, laço social contemporâneo, utopia, experiência, memória.

## SUMMARY

Essays on psychoanalysis and literature evoke the aesthetics and the spirit of the writer's thought process while simultaneously aiming at keeping a safe distance from the object of study. In the first chapter, the author borrows from a character in one of Jorge Luis Borges' tales to frame the problem of memory in present times. In the second chapter, he dissects the motivations for writing based on reading stimulus. In the last chapter, inspired by Roland Barthes, Gaston Bachelard, Eduardo Galeano, and Italo Calvino's *The Invisible Cities*, the author revisits issues and questions directly and indirectly discussed in previous chapters and transforms them into poems, axioms, and fictional narrative. Unity and diversity intertwine along the following pages, but it is the reader who will link them and incorporate them into his or her view of the world.

**KEYWORDS:** writing, reading, psychoanalysis, literature, contemporary social link, utopia, experience, memory.



## SUMÁRIO

	P.
<b>1 UM COMEÇO.....</b>	<b>01</b>
<b>2 O CAMPO.....</b>	<b>03</b>
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>5 PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>6 CAPÍTULO 1: O sonho de Borges e a memória pessoal impessoal.....</b>	<b>16</b>
<b>7 CAPÍTULO 2: A escrita é livre na prisão da leitura.....</b>	<b>24</b>
<b>8 CAPÍTULO 3: Os devaneios do punho: rendilhados de escrita e de leitura.....</b>	<b>30</b>
8.1 Crônica de um perdido.....	31
8.2 Epitáfio em teia de aranha.....	32
8.3 A segunda morte do velho das vindimas.....	34
8.4 Eu, depois.....	37
8.5 Travessia.....	39
8.6 Penélope e a indumentária histórica da palavra.....	40
8.7 Iluminação.....	42
8.8 E há Taylor na escrita.....	43
8.9 Pelas barbas de Marx.....	44
9 Banquete-carniça.....	44
9.1 Origem das espécies.....	44
9.2 O homem, algoz de si mesmo.....	45
9.3 Água doce.....	46
9.4 Lentes de ferro, ente de Letes.....	49
9.5 Esperança.....	50
9.6 A minha cidade invisível.....	50
<b>10 Considerações finais.....</b>	<b>52</b>
<b>11 Filiações teóricas.....</b>	<b>53</b>

## 1 UM COMEÇO

No transcorrer de minha história nasceu uma profunda paixão pelas palavras, como hei de retratar neste episódio que me voltou à memória e que chamo *De todos os livros o livro*: lá se encontrava, intocado, um livro na estante. Como uma Esfinge em forma de retângulo, ele continha um mistério. De onde eu estava, o título e o nome do autor se embaralhavam numa constelação babélica de letras. Subi na cadeira e estiquei o braço para pegá-lo. Queria-o perto de mim. Bastaria consultá-lo, como a um oráculo, para que o universo preso àquelas páginas se deflagrasse aos olhos. Mas eu não o alcancei. Só encostei de leve a ponta do dedo na lombada cheia de arabescos, recolhendo-a, em seguida, aveludada de poeira. À semelhança de uma tumba de faraó, nunca soube se o tal exemplar ocultava tesouros ou maldições, e esta questão ficou gravada em mim, tanto que, hoje, em todos os livros que abro e folheio, busco sempre aquele, perdido nas estantes de alguma de minhas infâncias.

Por não ter tido em mãos o livro inominado, eu continuo a persegui-lo. Ele é esquivo como a tartaruga de Aquiles<sup>1</sup>; acoisa-me em sonhos e insinua-se à imaginação. Tornou-se um horizonte, uma utopia. Conduz-me a lugares ignotos e provoca o abandono do que me serviu de esteio. É o que me lança para além do que sou e me emancipa dos projetos que criei. E em função desse fracasso de

---

<sup>1</sup> O paradoxo de Zenão de Eléia evoca a corrida de Aquiles com uma tartaruga. Para alcançá-la, seria necessário percorrer uma distância superior à metade da distância inicial que os separava no começo da competição. Mas como a tartaruga continuaria a se locomover, a tarefa de Aquiles se repetiria à exaustão.

possuí-lo, um anseio de compartilhar o que penso pediu entrada em meu espírito: escrever esta dissertação me deixou aprofundar o que me causa espanto.

A origem das coisas se parece com uma incógnita posta em uma equação: por melhor geometra que sejamos, algo nos falta para resolvê-la. Encontramos sentidos nos algarismos do cosmos, e isso nos consola por instantes. Mas o desamparo regressa sem que o queiramos. A realidade também é feita a partir de ficções: uma se mostra permeável à matéria da outra. Não há resistência na intersecção destes conjuntos, porque em tudo mora a imprecisão, e por isto o atravessamento entre teoria e a centelha criativa da fantasia prospera. Produzimos o que nos produz.

No *Banquete do amor*, presente nos *Diálogos de Platão*, Aristófanes pronunciou o mito das criaturas andróginas que despertaram o ciúme de Zeus e acabaram condenadas à eterna busca da metade que perderam. Em analogia a isto, a psicanálise atrai para si a literatura, como se a primeira fosse um ímã e a segunda, a limalha. Separadas, uma parece complementar-se à outra. O mesmo se dá com a leitura e com a escrita. Apesar das naturezas diferentes, os pólos de saber imantam uma tensão recíproca em ambas.

A marcha do punho, ao longo das páginas, deixa rastros – palimpsestos de vivências e de acontecimentos; são eles que indicam os territórios palmilhados pelo autor. O homem que coloniza os sonhos encontra sempre o avesso da realidade quando finca raízes e se depara com a carência quando abre os olhos para o que estava à sua frente. Vai, leitor, emparelha o teu passo ao meu e vê, primeiro sem julgar, o que há para ser visitado nas laudas que se seguem; depois, põe no prato da balança o que lhe foi dado testemunhar.

## 2 O CAMPO

Ao calor da chama, às horas noturnas, Freud imergia em mundos irrealis. Antes de dormir, acendia a lamparina a óleo para dedicar-se à leitura dos clássicos. Internado nesses universos simbólicos, plenos de alegorias e aventuras, excitava a imaginação e nutria-se das substâncias que unificariam as palavras à clínica. Ele alfabetizava os pensamentos com a ajuda da literatura, sua tutora. Basta conferir o modo pelo qual eternizou os pacientes através dos manuscritos. Ganhou até prêmio pelo estilo de escritura lúcido, elegante e contumaz, modelado conforme os preceitos positivistas, apreciados na época. Em resposta a carta de um amigo, sugeriu a leitura de dez livros<sup>2</sup>, alguns pouco conhecidos, porém repletos de histórias que despertam a sensibilidade.

Em seu esplêndido isolamento, escreveu obras que feriram a vaidade humana. Foi um crítico cultural prolífico e, acima de tudo, um escritor que sondou a arqueologia da alma. Valeu-se da tragédia de Sófocles para cunhar o Complexo de Édipo e, daí por diante, a sexualidade converteu-se no signo de todas as coisas.

---

<sup>2</sup> Hugo Heller pediu a Freud para indicar numa lista “dez bons livros”. Em *Resposta a um questionário sobre leitura (1906)*, o psicanalista, sem se demorar muito, escreveu os seguintes títulos:

Multatuli, *Cartas e Obras*. [Cf. pág. 138 n.]

Kipling, *Jungle Book*.

Anatole France, *Sur la pierre blanche*.

Zola, *Fécondité*.

Merezhkovsky, *Leonardo da Vinci*.

G. Keller, *Leute von Seldwyla*.

C. F. Meyer, *Huttens letzte Tage*.

Macaulay, *Essays*.

Gomperz, *Griechische Denker*.

Mark Twain, *Sketches*.

Tornou-se mais um herói entre os que compõem o panteão da História. Copérnico, Darwin, Marx, Kant, Goethe etc., homens de mesma estirpe intelectual, o ovacionaram de seus túmulos, porque nas veias de Freud corria o mesmo sangue subversivo que outrora os animou.

Desde o primeiro hausto de ar da psicanálise, a literatura já respirava havia tempo. A herança cultural, nascida da voz e, mais tarde, das mãos dos homens de letra, penetrou, como um sopro, nos pulmões desse sistema de psicologia que trata das anomalias e das maravilhas da mente. A psicanálise parece ter vindo do mesmo útero que incubou a literatura, pois a palavra é a mãe de todas as artes, e todas elas contêm a cifra dos tumultos da existência.

A psicanálise nos faz acreditar que nos desvãos do eu, em uma geografia secreta, se oculta uma outra coisa, ancestral, que não se governa e que não é conhecida por si mesma, mas somente pelos seus efeitos. Trata-se do inconsciente, a matriz dos dramas e das epopéias cotidianas. É ele quem intercede e influencia cabalmente as nossas decisões, assim como nos incita a obedecer a um discurso e a um regime que não compreendemos totalmente. No entanto, não pode ser considerado autoritário. Eis uma amostra do determinismo psíquico.

No curso natural de uma vida, os rabiscos da infância rapidamente desbotam e logo são revitalizados e substituídos pelos novos contornos da juventude que, em seguida, dão lugar à fineza dos traços maduros que começam a se apagar com mais velocidade do que antes. Depois de rompida a casca em que repousa um homem dentro de outro homem, o ser alça vôo: a transitoriedade é sutil, porém perene. A ontologia reverdece sem cessar. E todas as etapas do desenvolvimento duram no espírito, como em um álbum de fotografias em que se conserva inamovível a

fugacidade dos instantes. No interior de cada um de nós, estes outros, que já nos são estranhas figuras do passado, morrem e ressuscitam, interpenetram-se e justapõem-se na densidão do tempo, em um único substrato, que é o inconsciente; por ser atemporal é que os espectros de ontem se condensam aos de hoje em uma massa enregelada e simultaneamente dinâmica de momentos. À medida que se envelhece, coabitam-se outras eras, que não as do presente.

É no altar do inconsciente que desejamos flagelar e amar quem nos trouxe ao mundo: Laio, Jocasta, Tirésias, Édipo, Pólibo, Mérope e Antígona são os títeres cegos do fantoche que é a humanidade; aberta a cortina, estão no palco, à luz da ribalta, encenando conflitos que fazem eco às nossas vicissitudes pessoais. O que fomos e o que viremos a ser está impresso, como um hieróglifo na Pedra de Roseta, nesta potência a que chamamos de inconsciente. As leis e suas prescrições são outras nessa topografia.

E há uma longa tradição de estudos entre a psicanálise e a literatura. Tanto que vários autores já escreveram artigos e publicaram livros tendo em mente os pontos em que se cruzam estes campos. Parto do pressuposto de que a literatura e a psicanálise são dois cientistas que põem as frações da realidade no microscópio de seus fundamentos e, depois de feitas as análises, sob diferentes óticas, surge o momento em que a discussão as congrega em um só objetivo: o de decifrar a linguagem íntima dos objetos. Assim como a psicanálise, a literatura trata dos tabus sociais e, também, do que é censurado pelos vetores ordinários de comunicação. Portanto, associadas, as duas são forças que tratam das urgências humanas.

A teoria, por mais rigorosa que seja, tem um parentesco com a ficção: ambas são abstrações que têm em comum a palavra e a apropriação da linguagem como

meios expressivos de criar discursos e de estruturar realidades. À guisa de exemplo, James Joyce, escritor do século XX, encontrou na psicanálise uma nova forma de narrar. Descobriu em Freud um uso diferente da linguagem, fora de uma lógica linear, mais semelhante à associação livre. Joyce não buscou instrumentos para refinar o psiquismo de suas personagens com a *Psicopatologia da vida cotidiana* e nem com *A interpretação dos sonhos*, só que, em seus escritos, ressoa a experiência de ter lido estas consagradas obras<sup>3</sup>. *Finnegans Wake* e *Ulysses* indicam isso, não tanto pelas temáticas, mas sim pela dispersão gerada no leitor, que flutua, afunda e nada em um mar de sentidos que se multiplicam em ondas. A literatura mancomunada-se à psicanálise: fazem parte de uma irmandade cujo elo se concentra no devaneio e no afã de desentranhar os signos escondidos nas dobras da realidade e da fantasia.

Em *Os sujeitos trágicos* (1997), uma conferência proferida em Buenos Aires, sob o convite da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), o escritor argentino Ricardo Piglia (2004) explica que: “A literatura discute os mesmos problemas que discute a sociedade, mas de outra maneira, e essa outra maneira é a chave de tudo” (p. 58). Para as verdades que se encontram trancadas a cadeado, a psicanálise tem a técnica de fazer girar as lingüetas das fechaduras e abri-las, ao passo que a literatura possui o dom de registrar o que aconteceu antes ou depois desse evento. Não há coisa alguma que não possa ser violada por esses dois artífices: a sociedade põe a nu os seus segredos e os entrega de chofre, mesmo que não tenha a intenção de fazê-lo.

Aos olhos da psicanálise e da literatura a ficção é tomada como uma das verdades engendradas pelo sujeito. Mas como se pode saber se o que está escrito

---

<sup>3</sup> Esta hipótese já foi averiguada por Ricardo Piglia, em *Formas Breves* (2004).

ou o que é dito é falso ou verdadeiro? À força de aclarar os conflitos que o abatem, o paciente confia as angústias ao interlocutor que o escuta. Para o psicanalista, a fala tem camadas e dimensões. Enquanto um sintoma é declarado, outro tenta, paralelamente, em um jogo de simetrias, interromper o fluxo da associação, porque há um ganho secundário no sofrimento. Em nosso íntimo mora um inimigo que enfeitiça a libido e nos conduz a um estado inorgânico. A pulsão de morte faz com que extraíamos prazer da degenerescência. Há algo impronunciado que trafega pela voz, uma espécie de código que se torna ininteligível a quem não tem autorização para decifrá-lo. Mostrar a verdade é uma maneira de ocultá-la, como nos fez entender Edgar Allan Poe, no conto *A Carta Roubada*. Assim como o detetive, o psicanalista não se deixa despistar pela aparência ingênua de um discurso. Ele sabe como burlar as defesas e é sensível aos lapsos, aos chistes, aos sonhos e a tudo o mais que se manifesta no curso de uma sessão. O paciente ensina ao psicanalista a melhor maneira de libertar a mensagem confinada em sua linguagem. Logo, a interpretação é realizada de forma dialética.

A mentira, em dado instante, pode ser a verdade do sujeito, pois o que está em pauta é o endereçamento daquilo que se diz. O paciente recruta a palavra para inventar a origem; cria, demiurgo de si mesmo, as próprias carnes com o verbo e, num impulso adâmico, se reflete nos olhos de espelho da sociedade para pertencer a um discurso e ter uma imagem. Para escapar da fragmentação se apropria de qualquer recurso ilusório, até mesmo o da doença.

Mesmo que não queira, a ficção aspira a parecer realidade. É o que se chama comumente de verossimilhança. O leitor de ficção pede para ser ludibriado e para que suspendam a sua incredulidade; por prazer ou evasão, finge acreditar no que lê.



Quanto mais convincente for a mentira, mais fácil ela será tomada como verdade, eis a arte mimética encerrada na literatura. A psicanálise e a literatura são experiências genuínas de narração (mas não só, é claro) e, portanto, passíveis de serem interpretadas. A ficção, assim como a teoria, tende a nos brindar com visões plurais de um mesmo fenômeno. “A linguagem seduz pela ilusão de capturar a verdade” (Jacoby, 2007, p. 192).

O homem precisa da literatura para se ligar ao insólito, para fazer contato com aquilo que desconhece em seus abismos. As palavras têm o poder de aguçar a sensibilidade, de batizar o que nos acomete sem que o saibamos. Não é à toa que abrimos um livro em busca do que o cotidiano não nos fornece, de respostas para o que julgamos além de nossas possibilidades. O livro guarda em sua etimologia a liberdade. É ele quem nos arranca da inércia; que imprime ao espírito o desejo de prosperar, de se exprimir com a linguagem e com o afeto. Uma sociedade afásica ou ágrafa sucumbiria à barbárie. As palavras deflagram as paixões recônditas que abraçam os seres. A leitura edifica o caráter, instaura uma ética, lapida a moral e exacerba o que há de melhor em cada um (assim se espera<sup>4</sup>). Não que isso seja a panacéia para os males mundanos. Um poema belamente escrito jamais irá conjurar a miséria que envolve o mundo. Nem mesmo os discursos mais eloqüentes, que exaltam o heroísmo e que fazem chamejar no peito dos indivíduos os ideais, são capazes de abrandar a brutalidade e a crueza de algumas existências subjugadas ao limite do sofrimento. A literatura não evitará que a espada de Dâmocles fique

---

<sup>4</sup>Pennac esclarece a ressalva que fiz: “A idéia de que a leitura ‘humaniza o homem’ é justa no seu todo, mesmo se ela padece de algumas deprimentes exceções. Tornam-nos um pouco mais ‘humanos’, entenda-se aí por um pouco mais solidários com a espécie (um pouco menos ‘animais’), depois de termos lido Tchekhov” (1993, p. 114).

suspensa sobre nossas cabeças, não erradicará a fome, não debelará as enfermidades, não nos tornará mais dignos e nem mais felizes. No entanto, neste mundo em que grassam injustiças e terrores à revelia, em que as pessoas padecem de uma necessidade mórbida de triunfo e de consumo, é ela quem conspira contra a resignação endêmica que nos abate e que atíça nos cidadãos a capacidade reivindicativa e de protesto. No tocante a isso, a literatura não pode ser designada como um passatempo ingênuo, desprovido de efeitos, até mesmo porque, em alguns casos, faz reconstituições novelescas ou romanceadas da História<sup>5</sup>, e consegue avivar e transferir às pessoas o que os materiais escolares, às vezes impregnados de demagogias e abarrotados de ramerrões estéreis, trataram de empalidecer: a forma e o conteúdo livres do ranço pedagógico e condicionante. Por transformar os segredos da natureza humana em ficções, favorecer a floração do pensamento plural e estimular a largueza dos horizontes frente à vida é que ela nos atrai tanto. Assim também é a utopia, próxima e conexa às ilações aqui averiguadas, vale destacar.

A leitura é um processo ativo de abstração: reescrevemos as obras, misturando-as às idiosincrasias que nos concernem, pois nos identificamos com as personagens e com as alegorias que cada trama agrega em seu núcleo. Além de nossas vidas, precisamos de vidas de celulose, virtuais, em que heróis e vilões têm autorização para desenhar em seus atos o que nos foi privado. Aí se dá um tipo de catarse: a concreção alucinatória dos desejos, posto que nos tornamos vários, sendo apenas um. O eu, ilusoriamente, se esboroa no processo de ler e o milagre da multiplicação da personalidade, ou melhor, do polimorfismo sexual se dá nas

---

<sup>5</sup> *Mãe Coragem e seus filhos*, de Bertold Brecht; *Guerra e Paz*, de Leon Tolstoi etc.

páginas de um romance, de um conto, de uma crônica etc. Há um quê de arcaico e de metafísico na leitura: a necessidade de domínio. Entre os autóctones, pairava a crença de que a ingestão de carne humana povoaria a vacuidade de seus espíritos com os atributos dos bravos guerreiros, mortos em batalhas. Assim como a antropofagia visava se assenhorear da essência mais nobre do outro, a leitura procura enriquecer-nos com ontologias diversas às que subsistem em nós. Os olhos, ao piscar, mastigam e deglutem as letras e transmitem ao eu a magia do tu, porque a escrita reúne tudo o que somos, e o que a linguagem professa repercute na estrutura que nos rege. A coisa, o real, a utopia, a formulação absoluta para as questões sem respostas são os elementos que nos movem, que nos incitam a caminhar ao encaicho do que jamais se terá, mas que, mesmo assim, se ambiciona. Quem sabe o segredo de tudo não reside nisso: talvez sejamos as sobras do barro do universo criado por Deus e queiramos visitar outras galáxias e desbravar o que nos é obscuro para conhecermos a origem do que esteve sempre em nós: o desejo de ser em outras paragens, no não-lugar, no prometido e tão aclamado Paraíso? Nunca o saberemos, e em razão disso que o ente é, porque busca e rebusca o que crê lhe faltar.

Alguns livros, depois de fechados, se prolongam na consciência; chegamos a recriar de cabeça trechos e circunstâncias contidas ali. Ao imaginário somam-se outros matizes, formas e impressões que fazem a criatividade vicejar. As histórias encontram-se lastreadas com os mesmos embates da humanidade. Amiúde, reconhecemos a nossa própria imagem nas cenas inventadas pelos autores, “porque nós, leitores, como Narciso, gostamos de acreditar que o texto para o qual olhamos nos reflete” (Manguel, 1997, p. 299). Às vezes, até restituímos o equilíbrio a partir do

desenlace de algumas narrativas ficcionais. Eis, então, o que Marcel Proust<sup>6</sup> escreveu: “A verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, portanto, plenamente vivida, é a literatura”.

É sobre estas e outras bases que encontro sentido em escrever. A dissertação acadêmica não deixa de ser uma ferramenta para problematizar e intervir em enunciações já ditadas. Como Lacan (1986) ressaltou: “A palavra, desde que se instaura, se desloca na dimensão da verdade. Só que a palavra não sabe que é ela que faz a verdade” (p. 295). Com estas idéias – eixos cardiais da pesquisa – é que me valerei de obras literárias para abastecer os argumentos e, talvez, entender um pouco do panorama cultural vigente. À maneira de Freud, em seus textos sociais, examinarei alguns fenômenos da modernidade com o auxílio da literatura, pois os escritores, assim como outros pensadores, são antenas de seu tempo – ao menos assim o afirmou Ezra Pound.

Utilizarei também, em uma espécie de dialética negativa, o livro *As cidades Invisíveis*, do escritor nascido em Cuba e naturalizado na Itália, Italo Calvino, para dar seguimento a uma discussão teórica que engloba a leitura e o processo de escrita no âmbito da psicanálise e no da literatura. Ressalto que não analisarei minuciosamente cada uma das *metrópoles* presentes nesta obra tão abstrusa e singular, mas partirei de uma premissa, inspirada na *Utopia* de Tomás Morus, e criarei a minha cidade. Aí reside o espaço para a imaginação alimentar-se do impossível. Ao voltarmos para a História, perceberemos que a maioria dos que trabalharam com a utopia foram literatos. As utopias eclodem em folhas de papel, e sob os auspícios de Paz (1993):

---

<sup>6</sup> Encontrei esta citação à página 353 do livro de Mario Vargas Llosa, *A verdade das mentiras*, no ensaio intitulado: *A literatura e a vida*.

As utopias são os sonhos da razão. Sonhos ativos que se transformam em revoluções e reformas. A proeminência das utopias é outro traço original e característico da Idade Moderna. Cada época se identifica com uma visão do tempo e na nossa a presença constante das utopias revolucionárias denuncia o lugar privilegiado que tem o futuro para nós. O passado não é melhor que o presente: a perfeição não está atrás de nós, e sim na frente, não é um paraíso abandonado, mas um território que devemos colonizar, uma cidade que precisa ser construída (p. 36).

*As cidades invisíveis* não é um livro para ser lido de forma retilínea, encadeando-se página por página, os acontecimentos. Com a geometria da escrita, Calvino arquitetou cidades que, regidas por lógicas extraordinárias, beirando as fronteiras do onírico, existem somente em fantasia e só se mostram pelos olhos de quem as relata e de quem por elas é tomado. São enigmáticas, prenes de significantes.

O viajante veneziano Marco Polo visitou cada uma destas regiões, batizadas com nomes femininos, incumbido que estava de descrevê-las a Kublai Khan, o imperador mongol, conquistador destes invisíveis povoados – que são os próprios personagens da trama. No início, havia o entrave da diferença dos idiomas. Marco se expressava por meio de pantomimas para se fazer entender pelo Grande Khan, que apreendia somente os emblemas do que era comunicado. Uma verdadeira Babel que foi, aos poucos, superada pelas reiteradas missões diplomáticas feitas por Marco no reino tártaro.

Porque dotada de 55 geografias organicamente divididas em 11 categorias (*As cidades e a memória, As cidades e o desejo, As cidades e os símbolos, As cidades delgadas* etc), a mecânica da narrativa assemelha-se, pela complexidade, à de um jogo de xadrez. O leitor move deliberadamente as peças em um tabuleiro de idéias infusas em lirismo, formando e deformando sentidos que se reduplicam como

imagens em espelhos. Sobram possibilidades de interpretação, pois: “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (Calvino, 1990, p. 44).

### **3 OBJETIVOS**

⇒ Pretendemos aprofundar a pesquisa em torno das articulações entre psicanálise, literatura e utopia, indicando algumas potencialidades para se pensar o laço social contemporâneo.

⇒ Tomaremos a literatura como uma interpretação em ato que pode infligir cortes nos discursos que reproduzem o mesmo e resistem à mudança.

### **4 METODOLOGIA**

Insisto no fato de que Freud avança numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivante do método científico comum. Trata-se da realização da verdade do sujeito, como de uma dimensão própria que deve ser destacada na sua originalidade em relação à noção mesma da realidade [...] Certamente, a análise como ciência é sempre uma ciência do particular. (Lacan, 1953, p. 31).

Por ser polivalente e trabalhar essencialmente com a palavra é que a pesquisa de tipo teórico em psicanálise, que é investigativa, será a metodologia presente nesta dissertação.

Partiremos de textos teóricos e ficcionais, feitos por escritores e pensadores, para fortalecermos o nexos entre a psicanálise, a literatura e a utopia.

E também justifico o método assim:

Um interlocutor me domicilia e, sob o crânio, perdido em algum contorno sinuoso da massa encefálica, me estimula com perguntas. Agora me vem esta:

– Tens – como bem sei, porque entre mim e ti não há vácuo em que se possa interpolar coisa alguma –, uma linguagem livresca no teu jeito de se expressar, e isso se justifica pela aplicação intelectual, que a um só tempo sacrifica uma parte da tua vida e lhe redobra, paradoxalmente, os encantos do entorno; tens, posso afirmar, um temperamento literário, pois a visão que lanças em derredor está impregnada com o que já leste, viveste e imaginaste; tens, como deduzes, uma mentalidade infensa ao método e às bulas e às prescrições e aos manuais de instrução; tens, como há de se constatar, o gosto pela insubordinação e que, por isso, acreditas que as hierarquias e os estatutos podem ser dúcteis. Tens aversão aos cânones da ciência, porque não se prostra diante de ídolos inventados, e, também, às estatísticas que reduzem as tragédias a números. Tens, posso notar, um quê anárquico em teus gestos, visto que não te confinias nos claustros do pensamento único. Tens, às vezes, o grito sufocado dos oprimidos, que tu tomas como irmãos; outras vezes, és mudo. Tens coragem de admitir que és ignorante em várias artes, e assim o será. Tens os sonhos por bússola. Tens a escrita mediada por experiências pessoais, por isso falas no texto em primeira pessoa do singular. Tens consciência de que muito floresce de matrizes biográficas, e que o homem projeta as paixões em tudo o que faz. Tens a noção de que o mais importante é o que se encontra subsumido em um texto e que, por isso, manténs elípticos alguns autores presentes

na pesquisa; tens respeito pela tradição, a despeito de interceptar certas incongruências em sua perenidade. Tens a personalidade de um ourives, voltada para os detalhes, atenta para as relações meticulosas das fontes empregadas para se chegar a um fim. Tens, suspeito, diligência na procura de datas, nomes, referências, mas preferes a liberdade ao jugo. Tens, como todos, o receio dos titubeios, dos acertos e de se tornar vítima das próprias crenças; no entanto, assumes o corolário de responsabilidades que advém com a própria escrita. Tens o tom brincalhão incorporado ao taciturno. Tens a convicção de que todos, em dada medida, são tradutores do mundo, porque cada um dá um sentido à experiência de viver. Tens o discernimento de que todo livro é excedente de outros livros, e que a sucessão e a síntese de uma leitura nunca haverá de cessar. Tens, como alguns, a vontade de encontrar as porosidades entre as fronteiras da realidade e da ficção; tens o hábito de dizer que: se queres que eu caminhe, deixa-me caminhar; agora, não peça para eu narrar como se caminha. Tens os olhos impregnados de ficção e, também, os ideais quixotescos, entretanto, não és louco. Tens, ao escrever, a companhia dos fantasmas, e gostas disso. Tens, como o professor Edson, o desejo de romper com o instituído, e faz parte de várias instituições, e, ao fim e ao cabo, é humano. Tens a necessidade de se reconhecer na escrita e de escrever outras existências. Tens tudo isso e muito mais, e ainda queres teorizar com este tipo de metodologia?

No que eu declarei:

– Se rigor metodológico funcionasse, as escolas e as universidades gerariam mais escritores (revolucionários, portanto) e menos papagaios.



## 5 PROBLEMA DE PESQUISA

Existe alguma escrita que provoque rupturas nos sistemas de repetições discursivas? Se houver, será em razão de quê? E ela poderia ser chamada de utópica, iconoclasta ou de idioleto? Caso sejam afirmativas as respostas, estas maneiras de exprimir os pensamentos pela grafia estariam livres do jugo dos estatutos institucionalizados, das gramáticas do totalitarismo, das ideologias e dos estereótipos vigentes? Ora, que escrita interrogaria fronteiras sem tomar o lugar da própria fronteira indagada? Então, seria possível que uma escrita furasse o estabelecido sem se tornar ela mesma estabelecida?

## 6 CAPÍTULO 1

### O sonho de Borges e a memória pessoal e impessoal<sup>7</sup>

E agora quero que me apaguem, que me dêem outro rosto e outro destino. Não sei quem será o outro, o que farão comigo, mas sei que não terá medo (Borges, O fazedor, p. 28).

Talvez um traço do rosto crucificado espreite em cada espelho; talvez o rosto tenha morrido, se apagado, para que Deus seja todos (Borges, O fazedor, p. 43).

---

<sup>7</sup> Atenção: quando eu empregar o termo *Estado* ao longo destas linhas não será em sua acepção corrente e já vulgarizada, mas sim à maneira de uma força invisível e opressora que conserva um grau de parentesco com a abstração do Outro de Lacan, com as elaborações de *Vigiar e Punir* de Foucault e, também, com as organizações estatais da globalização: o FMI, o Banco Mundial, as Nações Unidas e a Organização Mundial do Comércio. Ou seja, uma espécie de estilização do totalitarismo do Estado, como fez Orwell, com seu *Big Brother*.

Logo, o escrito que o leitor possui em mãos se aproxima mais de uma distopia ou de uma parábola sociológica. Vale lembrar que me inspirei em um ensaio de Ricardo Piglia, *O último conto de Borges*, em *Formas Breves*, e no artigo *A língua, o poder, a força*, de Umberto Eco, contido no livro *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Sugiro o contato com tais obras para a melhor compreensão do que se seguirá.

Borges sonhou com um homem sem rosto que num quarto de hotel lhe oferecia a memória pessoal de Shakespeare. Magicamente, receberia dentro de si todas as relíquias de vida incrustadas no cérebro do escritor britânico. Ganharia um dos maiores prêmios já dados na loteria da cultura da humanidade. Se o sonho lograsse êxito, Borges, que já era um gigante, aumentaria de tamanho com a ajuda insólita do homem de faces apagadas; tornar-se-ia um colosso elevado à octogésima potência, porque, na época, tinha oitenta anos de idade.

O episódio que se sucedeu sob suas pálpebras, em uma noite de descanso em Michigan, deu origem a uma narrativa ficcional chamada *A Memória de Shakespeare*. Nela, um solitário escritor, Hermann Sörgel, que se dedicou ao exercício pleno da leitura, passa a ser o receptáculo das lembranças de William Shakespeare. A trama, como se deduz, encontra-se envolta por uma aura fantástica, em que artifícios simples tratam de fenômenos complexos de forma orgânica e direta. O conto é considerado, pela sua perfeição, como sendo o último feito pelo punho do escritor sul-americano.

A partir de uma exegese dessa história brotada de um sonho, podemos inferir que nela residem emblemas latentes, chaves de uma compreensão da memória que cultivamos do mundo e de sua conjuntura atual. À luz da política, a alegoria dessa narração nos faz despertar a consciência para questões delicadas. Uma delas pode ser definida pelo seguinte enunciado: *que memória a sociedade cria para nós?* E sua variante: *que sociedade se engendra com as nossas memórias?*

Os dramas entremeados ao correr da vida apontam que o Estado, aparato de vigilância, confisca a memória pessoal de todos nós, e em seu lugar implanta experiências artificiais, oriundas da cultura de massa. Não se trata de paranóia, já

que este tema é recorrente na dialética da História; também foi abordado no *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e, em certa medida, no *1984* de George Orwell, com a figura do *Big Brother*. Claro está, que as ideologias muitas vezes são subliminares: é mais eficaz para a máquina panóptica que obedecemos cegamente à mecânica de seus preceitos, pois, assim, participamos de um complô que visa a nossa própria extinção. Transformamo-nos em um brinquedo de causas e efeitos que nos faz reproduzir lógicas perversas, sem realmente o sabermos.

Aliado às operações mercantis, o Estado é um cirurgião que quer nos tirar o rosto, amputar nossas paixões e mutilar nossa singularidade para projetar, com os pedaços que sobraram, um aleijado psíquico. Prefere dar à sua criação, além de um cérebro dispensado de pensar, o jugo da escravatura: e enquanto o homem se extenua trabalhando em prol dos lucros, para ser economicamente rentável aos meios de produção capitalistas, visando ulteriormente o consumo de fetiches e de mercadorias cada vez mais sofisticadas, aliena-se de si mesmo e adocece sem se aperceber. A sociedade que arquitetamos quer nos colocar em vidros com tampas de aço; quer que sejamos espécimes em conserva, como os natimortos que estão à mostra nas prateleiras dos laboratórios, para serem sondados pela caterva de estudantes pernósticos. Em *Uma invenção da utopia*, o professor Edson Sousa (2007) dissipou algumas névoas quando escreveu: “Vão sendo criados espaços de obediência, de servidão voluntária, de timidez, de descrédito das ações, da melancolia como a virtude serena do consumidor entregue aos fogos de artifício escancarados nas vitrines: aquários modernos do sonho” (p. 22).

O discurso de poder nos inocula a culpa; nos põe em dívida para com a ordem do sistema. Ora, a máquina burocrática não é reacionária nem progressista, é

fascista: nos obriga a uma disciplina espartana, voltada ao heroísmo e ao sucesso. É proibido arrostar os fracassos; melhor mesmo é esquecê-los. Mas as ruínas se alastram em progressões geométricas. A História, como bem sabemos, tem muito de ficção em suas verdades: desde fotos forjadas a imbróglios que encobrem interesses partidários. As memórias são inventadas e manipuladas para que se mantenha a docilidade coletiva. A amnésia e a ignorância, nesse caso, equivalem a atos de transgressão. Quem se furtar da enxurrada de informações pasteurizadas, difundidas pela mídia – que é um manancial de opiniões públicas –, será um revolucionário ou apenas mais um incompreendido dentre os demais. Esta assepsia, caudatária dos ditames totalitários do negócio, nos impede de sermos vagabundos, marginais, poetas ou intelectuais (não que este seja o nosso afã): considerados parasitas, pois vivem das diatribes e dos refugos vindos das classes dirigentes, nenhum deles participa diretamente das permutas sociais e do incremento econômico de um país. Os indóceis são forçados a enquadrarem-se às leis que regulam a convivência; por mais que resistam, são dobrados à submissão. Estão fatalmente condenados a renderem-se e a serem trãnsfugas: devem abandonar os ideais de liberdade e de identidade pessoal<sup>8</sup>, pois não sobreviverão aos tentáculos do imperialismo.

A memória pessoal alimenta o mercado: dá pistas do comportamento dos sujeitos; ensina a melhor forma de insuflar alma aos produtos e de venerá-los. Para que a memória coletiva seja desejada, faz-se mister que a memória pessoal seja idolatrada antes. Assim, o que se recebe, depois que tudo foi digerido e eliminado

---

<sup>8</sup> A identidade é por si só mutante e compósita, porém há uma constância, um elemento invariável que a define como pessoal e que possibilita que o reconhecimento, por parte dos outros, se dê nas relações sociais. O coletivo e o individual, neste caso, conservam uma relação de mutualismo.

pelos intestinos do comércio, é um fac-símile, ou melhor, uma excrescência da memória pessoal, e é aí que o eu se dissolve no Outro. Eis o circuito do consumo.

Há um mal crônico que nos assola, o da anestesia da singularidade. Os gestos tornaram-se maquinais, como se algo nos movesse por cordéis. Já não nos sentimos autores de nosso destino: tudo nos guia à estranheza. Nossa voz parece atrofiar-se aos poucos com esse sintoma social, pois a mercadoria, como um ventríloquo, se faz de intérprete e dá as legendas do desejo: responde quem somos, alude à nossa origem e indica o montante de dinheiro que dispomos para gastar. A estereofonia da alma cedeu lugar à esteira de produção, e a linguagem das transações comerciais infiltra-se, de modo sub-reptício, no dicionário de valores que portamos para nos orientar.

Joseph K., o protagonista do romance *O processo* de Franz Kafka, pode ilustrar o que até aqui foi mencionado. A identidade e o passado de K. estão sendo investigados. O drama do personagem consiste em não conseguir recordar que crime cometeu. Será posto em julgamento, e não intui o porquê. O território de sua liberdade foi demarcado; ele vai até onde lhe permitem ir. Transita em busca de si mesmo, porque parece ter se extraviado em algum espaço que agora lhe é obscuro. K. é uma incógnita, e sua memória é que está em xeque em uma complexa equação. O que foi feito não importa aos olhos da lei. Ele é culpado, e ponto final; culpado por ter aderido sem questionar o que lhe infligiram à força. Joseph K. recebeu a réplica de suas lembranças e desejos a fim de que não lhe surgisse a vontade de viver.

Outro exemplo pode ser extraído de Albert Camus, em *O Estrangeiro*: Meursault é a encarnação do homem metido em uma vida anódina. Incapaz de fingir

o que não sente, o personagem encontra-se à parte das convenções mundanas. Não vê como participar do jogo social e recebe como punição a morte. O mesmo se deu, em certa medida, com o personagem de Cervantes, Alonso Quijano, leitor de histórias fabulosas. Enfadado com a vida que levava, decidiu passar-se por louco, pois, assim, encarariam sem gravidade o absurdo em seus atos, e tudo lhe seria permitido. A insensatez, no caso, serviu como um artifício: tornou-se o passaporte para um mundo cuja razão jamais foi entronizada e nunca pôde ser soberana. Então, inventou uma cavalaria andante em que foi o único membro; arranjou um cúmplice para as aventuras, o fiel escudeiro, Sancho, e criou para si Dulcinéia, uma paixão inalcançável, que justificava todos os arroubos de genialidade e os delírios de sua engenhosa alma. Transformou-se, por obra do apetite pelo extraordinário, em Dom Quixote e arremeteu-se aos moinhos de vento para escandalizar a moral burguesa da época e provar à cultura que na sandice crepitava muita lucidez. Mas como estava destinado a fracassar, a ser incompreendido pelos conterrâneos, voltou ao princípio, e deixou que Dom Quixote o abandonasse para ceder lugar ao outro, ao arrazoado cidadão Alonso Quijano, e morreu. É isso o que faz o sistema, nos abstém de pensar; combina as idéias por nós, porque nos quer sectários de sua república às avessas.

Quem sabe o homem sem rosto do sonho de Borges não anda solto por aí afora, a barafustar a turba de anônimos e a oferecer, à noite, memórias alheias a todos nós? Esse homem, nulo de fisionomia, pode ser a denúncia simbólica de uma sociedade entorpecida pelas desgraças, indiferente às dores individuais, que se deixa dominar pelos piores instintos, e que reúne, a fim de rarear as manifestações

criativas, um arsenal de simulacros de memórias para cada um que se deixe influenciar. Não se trata de maniqueísmo ou de uma visão mesquinha.

E como ter uma memória e uma identidade<sup>9</sup> legitimamente próprias? Não pretendo facilitar uma resposta, mas sugiro – e isso não se configura como uma ditadura das letras – que o meio se dê através da díade leitura e escrita, em uma significação clínica<sup>10</sup>. Assim, blefamos com o sistema, captando suas contradições, tautologias e operações arbitrárias. Os livros condensam a herança de nossa espécie, porque alojam em suas páginas os traços da civilização. A leitura enaltece o homem, porque lhe dá um rosto, o diferencia do ordinário – assim o definiu a ética de Aristóteles. Ler e escrever são modos de criar a própria memória. Foi o que fez Primo Levi ao narrar a jornada infernal pelos campos de concentração, no nazismo, em *É isto um homem?*<sup>11</sup>.

É preciso resgatar o passado<sup>12</sup>, não para homenageá-lo ou celebrá-lo, mas para ver o que produziu no presente, e em contato com a obra em questão perguntei-me por que Levi escreveu o que testemunhou? Quantas emoções sufocadas há em seu texto? Ele semeou nas palavras as dores, e toda a plethora de

---

<sup>9</sup> A identidade e a memória são cambiantes, e as concebo como um círculo em movimento, cujo arco toca todas as temporalidades do ser, mas sua tangente permanece imóvel – à semelhança de um ponto, o elemento geométrico –, no centro da circunferência.

<sup>10</sup> No sentido de que faz uma autópsia, uma espécie de dissecação simbólica dos princípios, das genealogias e das aspirações humanas.

<sup>11</sup> Algo curioso me ocorreu: ao folhear novamente um livro de William Blake, *O Matrimônio do Céu e do Inferno e O Livro de Thel* (2000), encontrei os seguintes versos: “É isso um verme? Vejo-te indefeso & nu, chorando/ E ninguém para acudir, ninguém para confortá-lo com/ sorrisos de mãe” (p. 75). Esta passagem me levou a pensar se Levi não tinha em mente o tal poema quando conferiu à obra o título. Não há como nos certificarmos, é claro.

<sup>12</sup> Nas palavras de Galeano (1999), na obra *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*: “Recordar o passado, para nos livrarmos de suas maldições: não para atar os pés do tempo presente, mas para que o presente caminhe livre das armadilhas” (p. 216 e 217).

sofrimentos germina em nosso íntimo de forma aterradora. Eu fui um dos que ficou na sala de seu sonho para dar em sacrifício o ouvido<sup>13</sup>, e a minha penúria converteu-se em virtude, até porque “o sonho de um é parte da memória de todos” (Borges, o fazedor, [1960 (2008)], p. 38). Anne Frank, ao tecer o seu diário, já traduzido em várias línguas, também nos fez herdeiros da catástrofe, o Holocausto, que ainda fervilha, de forma velada, na cultura vigorante e trespassará as malhas do tempo e das gerações, sob diferentes insígnias e estandartes. Há males que perduram sem que saibamos como desarraigá-los do coração dos homens.

Por isso é que a escrita transmite a modulação de uma voz ausente, que sensibiliza, humaniza e nos inspira civilidade, e todos que consagram a vida à escrita intuem isso. A sorte que nos reserva o futuro depende um pouco do que lembramos do passado. Ela parece ser o nexos que comunica as coisas: é solidária e fraterna para com o universo, porque na álgebra das diferenças encontra os pontos de semelhança. Põe às claras o incógnito que funde o universo ao que nós somos. A leitura nos volta para um exame de consciência: não nos deixa olvidar as selvagerias e nem permite que absolvamos os crimes cometidos contra a humanidade.

A escrita acompanha o rio de Heráclito, cujo delta aflui em todos os séculos. A palavra anda de boca em boca, circula em todos os ares, se prende nas reentrâncias de qualquer superfície, mas, a despeito de tudo, é instrumento de dominação; não está livre dos interesses dos que lideram as comarcas, federações e entidades de

---

<sup>13</sup> “É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio” (Levi, 1988, p. 60).



todas as espécies. Mas também é aliada das transgressões: ajuda a criá-las e a replicá-las; é o réu e o juiz; tem as duas faces de uma moeda em seus valores; irmana os mundos e diminui distâncias; está em tudo e para todos e não é de ninguém; apóia os déspotas e os recrimina; elide e releva controvérsias; fornece imagens à aridez do espaço; critica a si própria e o conjunto em que pertence o homem: sua missão, dentre outras, consiste em devolver à vida o que não pode perecer e a sepultar o que já há muito nos empesta.

## 7 CAPÍTULO 2

### **A escrita é livre na prisão da leitura<sup>14</sup>**

Logo que o escrever, que faz com que um líquido flua de um tubo para um pedaço de papel branco, assume o significado da copulação, ou logo que o andar se torna um substituto simbólico do pisotear o corpo da mãe terra, tanto o escrever como o andar são paralisados porque representam a realização de um ato sexual proibido (Freud [1925-26] 1996, p. 93).

O título parodia o trecho do poema *Liberdade*, de Drummond. Ao passo que afirma, esconde outra lógica. Essa ambigüidade, beirando o paradoxo, inaugura um eixo de discussão: pode a leitura ser matriz da escrita?

Em 1966, Lacan, no *Pequeno discurso no ORTF*, propôs que “o homem cresce – faz seu crescimento – tão imerso num banho de linguagem quanto no chamado meio natural” (p. 228). Ao nascer, o bebê entranha-se no útero dos signos. Prende o cordão umbilical no desejo do Outro. Passa a nutrir-se da paixão dos significantes. Em seu habitat, torna-se sujeito dos discursos que o antecederam. O

<sup>14</sup> *O pássaro é livre/ na prisão do ar/ O espírito é livre/ na prisão do corpo/ Mas livre, bem livre/ é mesmo estar morto.*

olhar de espelho que unificou sua imagem foi o mesmo que o alienou. Enquanto busca a si, encontra o objeto – reflexo de uma identificação. Está onde não está, por conseguinte. É livre na prisão da linguagem, pois o “inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 2003, p. 228).

A cena primária, a morte, o ventre materno, o real e o umbigo do sonho são categorias cuja representação nos é interdita. De posse disso, a escrita simboliza castrações, lutos, angústias, desejos. Mas de onde ela vem? Da barriga da leitura? Ora, com o carretel da escrita, o homem brinca de controlar os movimentos da língua-mãe. A palavra – presença sonâmbula, irmã de uma ausência dormente – nos faz sonhar nos lençóis da folha de papel. Escreve-se para estar alhures, para fazer do verbo a ponte entre dois mundos: o da infância e o do adulto. A linguagem aproxima os tempos, possibilita travessias: vive-se lá, aqui e acolá, mas sempre se está no limiar do que se foi e não mais se é; eis o efeito da mudança.

As letras, o alfabeto, enfim, as frases servem de amuletos: protegem do desamparo e da solidão. A escrita parece um meio de sobreviver a si próprio: assemelha-se a um passaporte para existir no amanhã. Escrever não salva e não impede a morte, no entanto, pode eternizar o autor pela obra. Vale a aposta.

A falta incita-nos a sorver o seio da linguagem. O leite extraído das leituras adensa a prosa, fortalece as narrativas, dá viço às experiências, revitaliza a memória. As palavras nos embalam em braços maternos quando nomeiam o que nos circunscreve e o que nos aflige intimamente. Em contrapartida, a palavra e a coisa – descoladas do referente e do referido – encetaram a brecha para a ciência advir; para que o sujeito moderno – o da psicanálise – colocasse em xeque o mundo naturalizado.

Porque sustenta no espírito a imagem do passado, o poder do presente, a aspiração de futuro é que a escrita se configura como necessidade. Ao escrever sempre se tomam emprestadas idéias lidas. A própria sintaxe é moldada a partir do gosto que se tem por autores, por estilos, por visões de mundo. Tenta-se imitar a arte de quem nos quedou em perplexidade.

A escrita traz para si um campo de associações semânticas que a torna única, mas ao mesmo tempo inteligível e comunicável. Isso ocorre porque a língua tem códigos e fundamentos que a sistematizam; à gramática se devem os recursos que se prestam à expressão. O modo como se lê influencia radicalmente a maneira pela qual se escreve, como ressaltou Barthes (1984): “[...] as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das novas significações. A escrita é precisamente esse compromisso entre uma liberdade e uma recordação, é a liberdade no gesto da escolha, e não na sua duração” (p. 22).

Cada texto condensa a alma de várias obras numa só. A escrita evoca certos signos ancestrais, oriundos de uma fonte autobiográfica, enquanto se processa. Quando se escreve, algo se inscreve em nós, e as temporalidades nivelam-se, sobrepondo-se em uma superfície de celulose. Nos interstícios das páginas moram histórias elípticas, que aludem às incursões feitas em livros: o emprego das palavras e o estilo evidenciam-se ao leitor experimentado.

Com efeito, a potência da escrita pode ser estimulada pela leitura. Mas há algo que pulsa silenciosamente nessa proposição: a escrita, então, aprisiona-se na leitura? Ora, uma linguagem adâmica e pura jamais existiu e nem poderá converter-se em realidade. Barthes (1984), à página 38, aclara a questão: “[...] a escrita,

inicialmente livre, é por fim o elo que acorrenta o escritor a uma história acorrentada ela própria”.

No cárcere da leitura surge a possibilidade de criar. Por exemplo, os conceitos de renomados pensadores assemelham-se a embriões à cata de cérebros para se alojar. Portanto, quem lê, encontra-se sujeito a engravidar a mente com gametas epistemológicos. Qualquer assunto, alvo de interesse, pode adquirir, pelo traço singular, uma nova forma para seu conteúdo. Com a lente da vontade, aspira-se a contemplar lacunas teóricas, e a preenchê-las, se possível, com algo que ali não se encontrava. Pois: “[...] o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura... o escritor só pode imitar um gesto anterior, jamais original; seu único poder está em mesclar as escrituras, em fazê-las contrariar-se umas pelas outras” (Barthes, 1988, p. 69).

Então, a liberdade no ato de escrita configura-se como engano? Vale informar que dentro de nós há uma espécie de bloco de mármore<sup>15</sup>. Ler é cinzelar essa porção volumosa e sólida até torneá-la ao sabor das expectativas. Ao passo que se escreve, burila-se a imagem presa no interior do texto. Tiram-se excessos lingüísticos, lavram-se frases, lixam-se adjetivos protuberantes. Da rocha de linguagem calcinada e grosseira, valorizam-se as cores, as reentrâncias naturais, os sulcos cavados com as mãos invisíveis do que chamamos experiência. O escritor é um pouco Pigmalião: está ao encalço de sua Galatéia<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> O parágrafo é um pastiche do que Freud já nos trouxe em sua obra.

<sup>16</sup> Alusão à Mitologia greco-romana e, também, à peça teatral de George Bernard Shaw intitulada Pigmalião: nela, o protagonista conhece uma florista e, à força de reformá-la a partir de uma imersão no mundo da linguagem, acaba por se encantar com a própria invenção. Mas, ao contrário do mito, eles não ficam juntos.

Outrossim, a leitura aprimora a escrita, faz com que o sentido irrompa da casca para se tornar ave, para ser Fênix<sup>17</sup>. Quem escreve, sabe que seu ofício é feito de pequenos lampejos de lucidez, acompanhados de longos períodos de escuridão. Amassar, rasgar, refazer, abdicar, incluir, revisar, omitir são verbos cuja intensidade é sempre superlativa para quem tem como hábito escrever. Não foi à toa que se mencionou Fênix, pois grande parte do que se tece tem como destino a fogueira, como já nos trouxe Gaston Bachelard. Incineram-se textos num afã de exorcizar, no ritual, a influência de uma leitura ruim. No fim, tem-se uma espécie de liberdade simbólica: a renovação idiossincrática completa-se nas cinzas do que não mais é.

Ler acende a consciência: a combustão do pensamento alastra-se nos pavios da mente, empapada com o óleo inflamável do desejo de saber. Cada escrito é povoado por uma chama, assim como o foi Prometeu, de Ésquilo. As idéias, à maneira do jogo do anel, passam de olho em olho, elidindo a cegueira. O leitor, apropriando-se da aliança com a linguagem, produz a escrita. Logo, o matrimônio entre a palavra e o sentido realiza-se.

Em contrapartida, existe um quê de masoquismo no ato de pesquisar. Ler desacomoda, desordena, nos põe diante de Esfinges. Faltam-nos respostas. Somos devorados, e o universo que passamos a residir é o próprio interior enigmático das obras que nos engoliram. No ventre da Esfinge, o pesquisador volta à caverna<sup>18</sup>, só não perde o que já adquiriu. Lá, fica recluso e escreve. Transforma-se em trevas, brinca com a claridade da metáfora, faz das sombras companhia. Está novamente

---

<sup>17</sup> Na mitologia antiga, ave fabulosa que, segundo a tradição egípcia, durava muitos séculos e queimada, renascia das próprias cinzas.

<sup>18</sup> Regressa tanto à caverna do período neolítico quanto à de Platão, no livro *A República*.

em gestação. Nascerá no mundo, para o mundo e fora dele, quando o oráculo, que é o problema que o move, indaga-lo: *por onde andavas que não me sabias? Eu sempre estive aqui, onde tu não estavas. Tu não soubeste me procurar, não tinhas treinado a visão para enxergar-me. Agora, me vê, me deseja: sou teu, decifra-me.* Dito isto, o problema, para o pesquisador, já não era mais o mesmo. Urge um outro ciclo: abre-se um novo livro. A desgraça se processa<sup>19</sup>. A escrita é livre na prisão da leitura mesmo?

Assim, indo e vindo, não se almeja a prisão da resposta; quer-se a liberdade na fronteira da ignorância, pois aí reside certa sabedoria. Prefere-se a possibilidade ao definitivo e ao categórico. A linguagem é uma dádiva: está fora e dentro do homem. A porta abre-se à medida que a marcha da escrita avança. O trajeto se faz com o movimento do punho. A leitura pode insuflar vida à escrita e vice-versa, mas, no buraco da fechadura, vislumbra-se o coito entre os significantes e os significados. Torna-se, o leitor, *voyeur* do strip-tease da semântica e da semiótica. A leitura evidencia-se como masturbação ocular; as letras adentram nas circunvoluções cerebrais, rompendo o hímen de polissemias. Os livros ensinam os registros da humanidade aos recém-nascidos, que andam a abrir portas sem parar. É sensual aprender; é erótico desvelar o corpo revestido por linguagens. Desnudemo-nos para desnudar, esse pode ser o jogo de ter liberdade na prisão.

---

<sup>19</sup> “A resposta é a desgraça da questão” (Blanchot, 2001, p. 43).

## 8 CAPÍTULO 3

### Os devaneios do punho: rendilhados de escrita e de leitura

Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras explicações do trabalho criador do escritor. E, na verdade, essa perspectiva é possível. Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta (Freud, [1907-08] 1996, p. 149).

Trata-se de um capítulo propositalmente fragmentado e híbrido, modelado conforme os diferentes gêneros de escrita: aforismos, crônicas, reflexões, poemas, contos, relatos de sonhos. O leitor fará as conexões e encontrará as efígies latentes nos textos ou, se preferirem, nos arquivos. A idéia nasceu do contato com a obra de Roland Barthes, principalmente *O Prazer do Texto*, da influência de Gaston Bachelard, em *O Direito de Sonhar*, de Eduardo Galeano, a partir de seus ensaios políticos, e de Italo Calvino, com *As Cidades Invisíveis*.

Um experimento com a linguagem e com o campo semântico é o que se delineará a seguir, nesta procura por novas modalidades da práxis científica e, também, por uma alternativa para se transmitir um saber acadêmico. Sombras, ecos, silêncios, vácuos e algumas elisões também se interpuseram nesta busca, frustrada desde o princípio, ao real, que é, de acordo com o professor Edson Sousa (2007), em *Uma Invenção da utopia*, “o que nos coloca diante do limite do dizível: o inarrável, o imponderável, o desassossego radical onde a angústia nos joga. Aqui, este real é necessário como a maré que apaga as pegadas na areia e assim outra escritura e percurso é possível” (p. 25).

## 8.1 Crônica de um perdido

Se as palavras fossem apenas segundos, as horas páginas completas, os dias livros entendidos desde o início, então, tudo seria mais fácil para mim. Mas a realidade está cifrada em uma linguagem obtusa e ambígua. Por mais treinado que sejam os olhos, por mais aguçada que seja a razão, só consigo balbuciar o que vejo, o que sinto. Não sou capaz de fazer um pôr do sol em uma frase. Aliás, mais coisas em mim me inquietam além do mencionado. É disso mesmo que quero tratar. Mil são as histórias que me compõem. Em cada célula mora uma memória; em cada passado se oculta a forma que tenho hoje. À medida que se somam os anos, acumulam-se as vivências, ampliam-se os repertórios de percepções e por aí vai. No entanto, há um paradoxo: falta de recursos lingüísticos ou de experiências, talvez, não consigo dar nome, classificar, tudo que me acontece. Uma barreira separa o que penso do que sou capaz de pensar e de transmitir. Parece haver uma interdição de ultrapassagens, de deslocamentos, de sondagens e de testemunhos. Ocupo um lugar que não gosto, e sou forçado a permanecer nele contra a vontade. Como se obedecendo eu fosse recompensado com algum prêmio abstrato e, ao mesmo tempo, equívoco. E espero por isso, que foge à concepção, que se esvai na tentativa de se definir. A promessa disso é que me põe em marcha; só que ainda estou parado. Parado e incrivelmente longe de estar parado, porque em tudo há um movimento de moléculas, de átomos, de sutilezas e de milagres. Mesmo que não se note, há. Fora e dentro de mim, vivem tantas coisas que não percebo e outras tantas que adivinho sem realmente o querer. Afinal, o que sou capaz de apreender, de apalpar com os sentidos e os verbos? Que clarividência eu tenho? O Paulo que sou



pergunta ao Paulo que fui antes de formular essa questão. Aí me transformo em germe de alguma outra coisa que não eu, um arremedo de eu. Não sou o mesmo depois que escrevo: enterro e exumo até à exaustão o que fui, o que sou, o que serei e não me acho nunca.

## 8.2 Epitáfio em teia de aranha

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido do texto e a teia da aranha) (Barthes, 1996, p. 82 e 83).

No texto jaz o escritor consumido pelo próprio ofício. Embalsamado, imerso no formol das páginas, torna-se ubíquo, materializa-se nos grãos temporais da ampulheta. Fica à mercê: pode ser dissecado, submetido ao escrutínio. O leitor tem olhos de bisturi: aplica incisões na pele de ausência, que é toda presença e memória; eviscera marcas históricas; analisa as digitais sintáticas; examina as cavidades da linguagem; ilumina os orifícios do estilo e decompõe identidades.

À lente do microscópio do método observa as células semiológicas: quer o DNA do signo. Sopesa o conteúdo e classifica a forma. Erige hipóteses: mensura-as na balança da consciência. Usa os raios-X para apreender a ossatura semântica. Descobre fraturas, porosidades na unidade de sentido. Coleta sangue. Percebe na hemoglobina o vírus da estética. Diagnostica a morte. Envenenamento: picada de aranha metafórica.

O livro é um túmulo de idéias; a sina do leitor consiste em escavá-las. A pá do olhar cava o solo do significado e do significante buscando as intrincadas conexões epistemológicas do sistema, sepultadas como artefato, relíquias de sentimentos. Esta necropsia ocular encontra na grafia um instrumento para infligir cortes nas carnes da História. Da aguda operação dos discursos e do coágulo das experiências raiam novos saberes sob tecidos mortos. A palavra vive, mesmo que os autores das obras tenham se tornado húmus, pois é embrião eterno que faz da ciência útero para nascer em todas as épocas. A mãe-linguagem fertiliza-se com o sêmen epistemológico do pai-razão. Os filhos, excluídos do ato que lhes insuflou vida, podem ser dissertações, teses, enfim, tecnologias que se desenvolvem em universidades.

A escrita tem como nascedouro a alma: esvai-se nas crispações dos dedos, animando o oco da folha. Em travessia por nervos ópticos, coabita espíritos teóricos em estranhos corpos de conhecimento. É nômade: vive de retina em retina, entranhando-se na mente dos que cultivam o hábito da leitura.

No epitáfio das laudas – sepulcro de autores – a aranha fez teia em imaginários alheios. O ciclo perdura: o leitor também escreve e põe a morte em envelopes destinados ao porvir. Mercúrio, cansado de ser mensageiro dos deuses, agora é carteiro: anda por aí afora, na metrópole de celulose, à procura de endereços e dos vivos.

### 8.3 A segunda morte do velho das vindimas<sup>20</sup>

Na verdade, eu me achava junto à borda do indescritível vale das dores, de onde soavam infinitos ais (Alighieri, *A Divina Comédia*, 2002, p. 21).

Não sei se Deus, os meus delírios ou algum quebranto fabricaram os tormentos que, ao pé do leito de morte, decidem, no intervalo entre a aurora e o ocaso, o meu destino. Jogaram-me, sem que eu soubesse o porquê, àquelas terras desconhecidas em que nenhum homem probo jamais pisaria, e eu recolhi do solo árido e escaldante o punhal, enquanto, à minha frente, a criatura tenebrosa, de nome aziago que prefiro não pronunciar, escarnecia à custa de meu estado de cavaleiro indigente. O sol punha os nervos em pandarecos.

E Beatriz, instalada em outros domínios, numa simbiose pungente, alimentando-se da mesma angústia que me nutria, entoava súplicas ao cristo na parede, ajoelhada e ridícula no altar apinhado de pequenos santos de tosco acabamento.

O gume do rival trespassou-me o pômulo: senti pulular o sangue da pele e, arredio, busquei guarida fora dali, mas, ao redor, o chão começava a ceder, a esfarelar-se com o calor, e eu pensava, como que para me confortar, em Virgílio, o

---

<sup>20</sup> O conto é uma aglutinação da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, com a parábola trazida por Walter Benjamin, em *Experiência e pobreza*. Eu retirei os filhos, alvos da mensagem moral, e dei ênfase à esposa do velho. A intenção, talvez iconoclasta, foi a de provocar a segunda morte de uma narração alegórica para criar outra, a de que Inferno, Purgatório e Paraíso podem ser um só, e que fé e razão levam para os mesmos lugares. Detalhe: o espaçamento em blocos é proposital na grafia desta narrativa e sugere o andamento de uma instância à outra.

melhor amigo, e no meu paraíso, os vinhedos que cultivei. Fiquei estático, lendo na expressão do oponente o meu futuro.

Beatriz, irmanada às instâncias superiores, visava debelar com o verbo o flagelo que se abatia sobre mim; pousou a mão nodosa sobre a minha fronte visguenta e gélida de suor e, ao primeiro estertor, vieram-lhe as lágrimas de desespero.

A batalha agravava-se por lá. Ao segundo golpe, meio trôpego – ébrio de dor, antevendo uma possibilidade –, me esquivei. A sombra maligna mexia-se com destreza: eu tremia.

Beatriz, alma ilibada, elo entre o céu e o inferno, agüentava o meu martírio com estóica resignação, examinava-me o rosto com olhar terno; acariciava-me o cabelo encaracolado e úmido.

Num átimo, a visão do absurdo turvou-se. Eu varava a escuridão, ouvia o sibilar de serpentes a rondar-me. A mente alucinada criava-me outros patíbulos: à esquerda, uma quimera; às costas, um homem tatuado que tinha no lugar dos braços um par de najas; à direita, um sósia dotado de uma máscara mortuária e supliciado à cruz; à frente, a sombra aguerrida me fitava, inexpressiva.

Beatriz, pondo à prova o amor, repetia uma oração que desconheço.

E mil agulhões, vindos não se sabe de onde, trouxeram-me vida aos olhos e os monstros, à exceção do diabo – agora já posso dizê-lo –, desapareceram como que por mágica. Algo em mim se consubstanciara: eu tinha ganas de matar. Despertava em meu sangue uma ancestralidade adormecida, e eu tomava a zombaria do adversário como acicate para a contenda. Ao longe, naquelas lúgubres regiões, nasciam pegadas: aqueles vestígios não foram feitos por mim.

Os lábios gretados de Beatriz esboçavam um sorriso ao longe...

Tomada de cólera, a criatura bestial, manejou a lâmina chamejante, emitiu um som cavo de guerrilha, e arremeteu-se contra mim. Girei o corpo sobre o meu eixo, escapei do ataque e apunhalei as costas do diabo. Do ferimento, germinou uma asa banhada em betume.

Beatriz, tentando fazer com que eu parasse de arranhar os flancos do leito em que jazia, misturava uma cantilena aos meus gemidos que se expandia até as plagas em que eu lutava por algo que não se chamava vida.

E o maldito anjo guarnecido de chifres, pressentindo o perigo da travessia, apagava com o pé as caóticas pegadas e pedia-me para que eu lhe extirpasse a asa – a injúria das injúrias –, e eu só almejava o eterno confronto, à medida que o rosto de Beatriz sobrepunha-se às faces diabólicas que reservavam o meu fim.

## 8.4 Eu, depois

Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro  
(Benjamin, *Experiência e pobreza*, [1933] 1994, p. 114).

A chuva acirrava o cheiro da terra à noite, enquanto o vento zunia nas frinchas da janela e lembrava um canto fantasmagórico vindo não sei de onde, talvez de mim mesmo. No quarto, sentado à escrivaninha, em vão eu tentava escrever. O frio me penetrava os poros. Cheguei a suspeitar que nas artérias circulavam pequenos icebergs ao invés de sangue. Será isso o que sentem os que buscam nos livros a chave para tudo na vida? E deitada à minha frente, sobre o halo de luz, a folha queria inundar-se em tinta, unir-se a algum sentido, e uma fina camada de gelo parecia envolver as minhas mãos, retesando-as. Eu mal conseguia empunhar a caneta, porque um leve tremor me impedia. Às vezes, nos é difícil contar aos papéis o que vem da intimidade. Sou um homem que dá a própria carne para alimentar os textos. Reconheço-me no que faço. Só que estou mergulhado em letargia. Uma espécie de brisa branqueia-me os pensamentos. Não sei bem que Paulo é este que me habita e que se dilui em existências.

Lá fora, os rumores cessaram. Já não havia chuva, já o vento se cansara de vergastar as folhagens. O silêncio se infiltrava nos cantos da peça. Levantei, consultei o relógio. Madrugada. Apaguei a luz. Fui para a cama. Enrodilhei-me no cobertor para dissipar a sensação gélida da pele. Aos poucos, o calor crescia por debaixo dos lençóis e eu relaxava. Algumas frases, como de costume, formavam-se em minha cabeça, como uma canção de ninar. Deixei que ecoassem sob meu

crânio, esperando que a realidade geométrica da vigília começasse a empalidecer e a dar espaço aos sonhos. E assim adormeci e acordei em outro lugar.

Movia-me em um jardim, mais precisamente. Talvez, o da casa de minha bisavó. Não sei. Eu me assistia de longe, como se eu fosse dois: o espectador e o que cavava um buraco. No bolso da calça, estavam metidos vários manuscritos de minha autoria. Em um labor absurdo, eu os aninhava no regaço agreste da terra. Pareciam defuntos de celulose, tatuados com grafias achinesadas. Os anagramas eram ilegíveis; por mais que eu rolasse os olhos sobre eles, desordenavam-se diante das pupilas. Em meio às minhocas, aos caracóis, aos túneis de formigas e toda sorte de criaturas que vivem distantes da luz, segui cavando, cavoucando a mim mesmo naquela terra que era eu, que era ninguém, que era o caixão em que guardava as sementes de minha escrita. Ao meu redor, algumas árvores rasgavam dramaticamente o solo e emergiam dos subterrâneos. Tinham gravadas nos troncos e nas ramagens a minha caligrafia. Suas raízes se desenvolviam às custas da seiva dos papéis em que pousei as idéias. Um pouco do meu sumo irrigava as entranhas daqueles vegetais lenhosos. Mas eu envelhecia sulcando buracos, perdendo as unhas dos dedos agora em carne viva nas cavidades terrosas. E o meu sangue embebia as palavras que se misturavam ao solo e se plasmavam em frutos. E ali eu me esvaía no lodo, errando nas galerias que construí com as mãos, fitando as copas em que pendiam os renovados textos. Volvia e revolia a lama, a argila em que nasci, e da algibeira brotavam incontinenti mais escritos. O terreno era um útero macerado, porém fecundo. Eu me sentia, àquela altura, cada vez mais mineral. O gosto acre assomava às papilas. Os músculos hirtos já não obedeciam aos comandos. No rosto, colhia-se a dor. O ar escasseava-se. Um estado sonambúlico

dominava o velho Paulo que continuava cavando. Cavando ao lado do próprio fantasma o túmulo em que jazeria depois.

## 8.5 Travessia

Não sei se julgo como sonho ou pesadelo o que me sucedeu em uma destas noites: no necrotério, em companhia do médico legista – senhor de feições graves, cabelos grisalhos, olhar perturbado e avental manchado de sangue –, eu fui levado a uma sala sombria. A luz incidia apenas sobre o leito de inox em que jazia um cadáver, coberto pelo lençol branco. Ali respirava uma atmosfera de mistério. À maneira de um prestidigitador, o médico pôs à mostra o corpo inerte e voltou-se para mim, esperando flagrar minha reação. Mirei demoradamente o falecido, sem perplexidade. Isso deve tê-lo frustrado um pouco. Depois, liberto de uma espécie de torpor, tomei parte do que acontecia, e senti o pavor irradiar-se em mim: o defunto era eu. Atônito, quis tapar o rosto, para não imprimir nas retinas o que me foi dado testemunhar. Nisso, o velho doutor pegou a minha mão e nela colocou um bisturi, dizendo calmamente no ouvido, como se me confidenciasse um segredo: perfure o tórax, extirpe o coração e o introduza na boca do morto. De imediato, relutei às instruções, mas ele, segurando meu antebraço com violência, não me deixou alternativa: entre raivoso e conformado, cravei o bisturi na pele daquele *eu sem alma*. O sangue coagulado raiou do interior da pele fria e afluíu pelos tubos laterais do leito de inox, desembocando no ralo. Depois de penetrar as espessuras das carnes com a lâmina, cheguei ao coração. A esta altura, parado ao meu lado, o médico estampava nas faces um contentamento infantil; antevia algo que, para mim,



àquela hora, era puro sortilégio. Então, obedecendo à ordem funesta, agarrei o órgão e o inseri na boca rija do cadáver. No mesmo instante, acordei abruptamente. A despeito de a cena macabra durar em mim, eu estava inundado por uma felicidade incomum. O velho, meio obstetra, meio feiticeiro, expatriou-me prematuramente da terra dos sonhos; só não teve tempo de cortar o cordão umbilical que continua me unindo ao útero das coisas insólitas, nutritoras de meu imaginário: por isso escrevo, para fazer travessias entre lá e cá.

### **8.6 Penélope e a indumentária histórica da palavra**

Sobrepostas à face bifronte, as palavras literárias usam máscaras. Num jogo de sedução, guardam segredos, desejos quiméricos e pistas de algo que nos é obscuro. Cobiçam atenção; ensinam a pecar, a transgredir mandamentos gramaticais. O sacrilégio ao alcance da mão. Não se deixam penetrar de chofre. Evitam mostrar-se diante da quietude; querem orgia. Buscam detetives da linguagem (e Dupin<sup>21</sup> faz que não é com ele). Brincam com coisas impenetráveis à razão. Encontram-se perdidas de si, enclausuradas em mil roupagens exegéticas.

O calor aflora-lhes do corpo: despi-las de ideologias vira um imperativo. Jamais se prenderam em espartilhos. Atiçam a curiosidade no baile de mascaradas hermenêuticas. Dançam despudoradamente nos salões acadêmicos. Escandalizam o que é natural. Ruborizam os castos rostos dos cientistas, que se enfurnam em laboratórios. Honram gentis cavalheiros, versados em artes cartográficas – verdadeiros desbravadores da geografia virgem. Elogiam à lógica, vestida em trajes

---

<sup>21</sup> Personagem do conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe. Um detetive culto que aprecia a leitura.

solenes. São peritas em pôr o pé no caminho de premissas esnobes. Riem muito quando paradigmas pedantes tropeçam nas franjas da própria saia de princípios *sacrossantos*.

A voz delas condensa o canto de todas as sereias em uníssono: a comunhão lasciva das sílabas. Sabem reverberar as fibras do afeto. Tapar os ouvidos com cera de abelha e prender-se ao mastro de um navio são tarefas vãs. Quem é Ulisses, que se cuide: o convite para ter prazer com as palavras é veemente. Será que Penélope se importaria? *E o fio do texto se rompe à luz da pergunta*. Penélope tem a tesoura em riste. É ela a autora da trama homérica que nos ludibriou, que se deu fé à cena picante descrita. Foi um teste. Falhamos. A lubricidade da tessitura pode ser armadilha: algumas palavras, algumas mulheres, reservam surpresas: têm a malícia e a ironia à flor da língua.

Há histeria no cerne das palavras: as combinações lexicais são infinitas, a polissemia, decifrável, porém sua fruição total nos é interdita, barrada. Insinuam-se para lograr-nos as expectativas. Por mais que se inflija hipnose, induza a extinção dos clichês sintomáticos, a repetição do estado mórbido teima em fazer a palavra gozar. O ganho secundário, moeda corrente da libido, paga os prejuízos. A castração nos acomete a todo instante. Sobra-nos limpar as chaminés da escrita, para retirar as crostas de fuligem do que é lugar-comum nos tubos do texto. A catarse assemelha-se a uma faxineira negligente: esconde a sujeira embaixo dos tapetes. A precisão maníaca, a obsessão por solucionar o insolúvel reflete a neurose do escritor.

## 8.7 Iluminação

Outra manhã chuvosa. Ele leva na pasta alguns manuscritos, a cópia rabiscada do projeto de dissertação, o livro de Calvino, papel e caneta. Vai ter com o professor Edson uma conversa. No caminho, imagina que histórias guardam os rostos das pessoas, que segredos fervem em seus interiores e, por não sabê-los, inventa-os secretamente. O pensamento flui caudaloso, aquático. Mergulha nas abstrações, repara no escoadouro, nos detritos que se acumulam nas ruas, nas nuvens carregadas de eletricidade, na ponta molhada dos sapatos, nos cachorros que vagueiam sem coleira, nos comerciantes que ignoram o clima, nas belas mulheres sem aliança no dedo. O dentro e o fora sem divisórias. Tudo se converte em matéria para os textos que ainda não escreveu. O latejar sutil da cidade é a inspiração. E segue a marcha, formula frases e as apaga mentalmente; deixa-se flutuar na onda de associações; paira na realidade e pousa na ficção. Perde-se, encontra-se, deriva. Ora anda feito um zumbi, ora como um ser lúcido e experimentado. Assim o é, o incógnito que se incorpora a ele, o Paulo, e a mim, o narrador, e que nos saca do letargo.

Então, chega ao prédio. Cumpre o protocolo com o vigia. Entra no elevador, aperta o número do andar. Larga o guarda-chuva em uma lata para secar e espera o chamado do professor. Confere as horas, nota as revistas sobre uma mesinha, lê o que anunciam as capas, e não se interessa. Olha para as paredes, se fixa na gravura de um prestidigitador mascarado que parece ter no lugar das faces um ovo. Lembra que Borges sonhou ter recebido de um homem sem rosto a memória de Shakespeare. E, em meio a isso, lhe vem uma estultice à cabeça: o professor Edson

abrindo a porta e convidando-o para entrar, só que sem fisionomia. Teria o aluno de Mestrado a mesma sorte do escritor latino-americano? Inquieta-se um pouco com a idéia e tenta se distrair com outra coisa. Um relâmpago alumia por instantes o corredor e, ao fundo, se extingue o trovão em cascatas. Aí Paulo retira da pasta o livro de Calvino, *As cidades invisíveis*, e, ao folheá-lo, pára ao acaso na última página, no derradeiro diálogo entre o Grande Khan e Marco Polo, e descobre que já não precisava mais estar ali: aprendera a distinguir o que no inferno não era inferno<sup>22</sup>.

### 8.8 E há Taylor na escrita

Somente o fim de uma época permite enunciar o que a fez viver, como se lhe fosse preciso morrer para tornar-se um livro (Certeau, 1996, p. 302, p. 302).

Ler eletriza os circuitos do pensamento, recruta o pulso para a mecânica da escrita, faz com que os dínamos da alma movimentem as polias dos dedos para fabricar textos. A palavra é a matéria-prima da indústria do conhecimento. O escritor é o operário da sintaxe: pressiona os botões da máquina da forma, produz estilo, faz a rotação das manivelas da gramática, põe em tensão a seqüência de bielas do conteúdo, lubrifica as peças alfabéticas, diminui o atrito da linguagem. Revisa as construções frasais na esteira das linhas de produção. Aciona as correntes de transmissão de idéias. Usa as alavancas do dicionário, se preciso. Monitora a qualidade dos vocábulos, agrupa-os em categorias, em setores semânticos afins.

---

<sup>22</sup> Adiante, este enunciado ficará mais claro, pois citarei o achado.

Aumenta a velocidade dos tornos ortográficos: dá acabamento ao sentido. O signo está pronto para consumo. A empresa de transporte chama-se livro.

### 8.9 Pelas barbas de Marx!

O capitalismo é um gigante que come à mesa um farto banquete, preparado pela força de trabalho dos proletários, que se alimentam apenas das migalhas que caem no chão.

## 9 Banquete-carniça

Na parede,  
A cópia de Velásquez.  
A velha frita relógios  
Tempera-os com humanos  
No óleo quente da panela.

Na tinta a óleo,  
Espectadores queimam  
Os olhos-realidade.  
São humanos,  
Ingredientes do globo.  
A culinária do diabo.  
Não há Diotima<sup>23</sup>.  
Violência-crisálida,  
Amor-borboleta.  
E a velha frita relógios.

### 9.1 Origem das espécies

A locomotiva de Noé saiu da estação  
Cavalos, periquitos, chimpanzés, rinocerontes  
Passeiam na primeira classe  
Da janela,

---

<sup>23</sup> A primeira mulher a sentar-se junto aos filósofos, *no Banquete*, de Platão. Seu nome significa: a destinada a Deus. Diotima também é o pseudônimo de Ermelinda Tuzzi, no romance de Robert Musil, *O homem sem qualidades*.

Homens pastando  
Animais jogando pôquer  
A fumegar charutos  
Riem-se dos bípedes

## **9.2 O homem, algoz de si mesmo**

Como pensar a sociedade em bases tais que nela a pobreza seja impossível? Ao longo dos anos, a camada pensante da cultura engenhou numerosas digressões de melhoria do mundo. Muitas delas, em nome do progresso, explodiram em mil fragmentos as polias de uma maquinaria despótica, enquanto outras, azeitaram ainda mais as peças desta mecânica que avilta a humanidade. Séculos de opressão tingiram com sangue os calendários, por isso algumas datas, civis ou religiosas, em que se suspendem os trabalhos, encontram-se em vermelho.

Se auscultássemos o coração da História, perceberíamos emanar-se dali uma gritaria desesperada, oriunda de uma legião de espíritos, que tiveram os corpos volatilizados, os ossos triturados, os sonhos reduzidos a migalhas, tudo em acordo com o aparato legal do Estado. Porque cada época cria ícones para adorar, não importando se são nocivos ou não, se incitam à incivilidade ou se põem em xeque direitos há muito valorados pelo ideário coletivo, é que o homem caminha pelas cristas do tempo com o cadáver de heróis e vilões, muitos deles desconhecidos, sobre os ombros. Supliciado pelos erros dos antepassados, transformou-se em Atlas. Aprendeu a represar o ódio, sofrendo as penas infligidas de forma passiva para, depois, mais forte, converter todas as dores, que se somaram às já existentes, em munição para destruir a natureza. E, assim, ignorante dos efeitos de seus atos, vive o homem – algoz de si mesmo.

### 9.3 Água doce

O confeitiro Gilberto golpeava com a mão em cutelo a massa levedada e, em seguida fabricava, com dedos de artista, doces e salgados. Dispunha-os na tábua de estiva, que levava ao forno. Depois, guarnecia a vitrine com o que havia preparado. Trabalhava com rigor. No rosto, vinte e três anos de reveses somavam-se aos quarenta de ventura, dando-lhe uma expressão pacata. A certa altura, cansado, deixou-se quedar nos sacos de farinha. O suor germinava em seu corpo robusto, umedecendo-lhe as vestes. O lugar estava abafado. Para refrescá-lo, abriu a janela. Debruçou os braços roliços no peitoril, enquanto o aroma adocicado do ambiente se alastrava pelas cercanias. Resolveu mudar de roupa, ajeitar-se. Não demorou muito, os fregueses apareceram. Enquanto os recepcionava, com um largo sorriso, um menino de rua o achacou. Surpreendido, o confeitiro susteve a alegria, reservando-a somente para os outros. Olhou dos pés à cabeça a triste criatura que havia brotado não se sabia de onde. Encontrava-se descalço, as canelas finas, à mostra, arroxeadas pelo frio, o torso mirrado, a pele acobreada, a blusa encardida, de um número maior que o dele, de gola esfarrapada, os malares encovados. Não adivinhou nele nenhuma esperança: toda penúria parecia tê-lo arruinado aos poucos. Sensibilizado, Gilberto tirou do bolso moedas e as depositou na mão ossuda e esfolada que se estendia em sua direção. Mas a boca súplice, de poucos dentes, parecia querer outra coisa. Os lábios afilados moviam-se rapidamente sem articular palavras. Fincado ali, o confeitiro não o decifrava. Apenas sentia o que se deve sentir nessas circunstâncias. Compreendia, sim, aquela dor, porque fora pobre também. Houve tempos em que jejuou de viver. Sabia bem o que era ter as carnes

martirizadas pela miséria. De resto, baixou a cabeça, em sinal de empatia. O mendigo emudeceu, prostrou-se e se foi. Gilberto, pensativo, deteve-se um instante antes de regressar à labuta. Ao redor, a chuva continuaria a carregar o lixo urbano para os esgotos em um torvelinho, dando a falsa aparência enxuta que dominava as calçadas; relâmpagos rasgavam horizontes; trovoadas faziam ribombar os ecos no interior da cidade; os caminhantes se diluíam na multidão; os edifícios permaneciam anônimos porque ninguém os olhava, preocupados todos em cumprir os horários. Era esse o cotidiano. Na soleira, resignado, o espectador calvo, de barbas ralas e grisalhas, demorou-se limpando o barro preso à sola dos sapatos no tapete, em que se liam letras felizes “Sejam bem-vindos”. E as pessoas vinham, enxameavam-se, transformando a confeitaria em uma espécie de colméia. Lá dentro, um mundo à parte: Gilberto, o homem-abelha-rainha, servia os operários, nutria as mulheres, gabava-se de ver nos olhos dos pequenos o cintilar de contentamento quando provavam novidades; enfim, ferroava a fome sem clemência. Isso o comovia, provavelmente por acordar do torpor as lembranças de um passado repleto de privações. Comeu até inseto, revidou, evasivo, a um funcionário que o criticou em razão de seu excessivo apego ao dinheiro. Com a sucessão dos anos, a máscara da velhice petrificou-se na face de Gilberto; no entanto, por debaixo dela, ainda chorava uma criança. O confeito enxergava a si próprio nos clientes, como se suas peles fossem espelhos. Ao passo que os alimentava, saciava-se também. Por isso, de aurora em aurora, ao sovar a massa, evocava a pleora de impressões agradáveis do dia anterior. Na arte ancestral de infundir sabor ao preparado de ovos e farinha, aprendeu a revitalizar o prazer no presente. Já anoitecia. Os postes de luz emanavam uma claridade frouxa sobre vultos que vagueavam por aí afora. As



irregularidades das calçadas acumulavam o que sobrou da torrente, formando poças, que refletiam as fachadas de casas comerciais. Gilberto levou nova remessa de doces e salgados à vitrine, que por trás da lâmina translúcida, mostrava a figura esquelética que ele encontrara às horas meridianas: ora se movimentava com visível inquietude, ora se ajoelhava na pedra fria da calçada, fitando com olhos ocos de não-sei-quê – de espírito, conjecturou secretamente – a sarjeta. Tendo a pobreza em pessoa no umbral da porta, julgou-se inundado por um sentimento indefinido. Por instantes, parado no mesmo lugar, penetrando mentalmente nas espessuras do tempo, pôs a vida em revista. Salivava um pouco. O gosto de infância veio-lhe às papilas: recuperou subitamente a fatia boa que sobrou dela. A praia em que morava materializou-se por debaixo das pálpebras. O pai foi um pescador. Gilberto o acompanhava na lida. Preparava os anzóis e desenrolava a rede. Em dias de folga, caminhava à cata de conchas, porque fazia coleção. Não considerava feia a agonia dos peixes que agitavam as guelras e se debatiam até a morte na areia, gravando em suas retinas o brilho prateado de escamas. Achava aquela luta pela sobrevivência digna de testemunho. Tinha vezes que jogava de volta o condenado ao mar, escondido do pai, para não levar palmada. Considerava-se um pouco herói quando lograva êxito. Na confeitaria, o olhar de Gilberto fixou-se no piso nacarado; toldava-se aos poucos. Recebia os estímulos de fora com apatia. Tudo que o circundava parecia ter se transformado em brumas purpúreas, voláteis como um pôr do sol. Quanto mais se entregava à ressaca dos pensamentos, mais noite se tornava. Até que o fluxo e o refluxo das ondas de recordações trouxeram à orla de sua consciência uma concha, há muito extraviada dentro dele. Gilberto, como se estivesse sonhando, a abriu, encontrando uma pérola, que o fez entender como

gostava de se perder nos reflexos das coisas, possuindo virtualmente o que não podia ter. A freguesia, alheia ao que se desenrolava no íntimo daquele senhor de feições simpáticas, ordenava atenção. Homens importantes, de sobretudos jogados sobre os ombros, davam gargalhadas esganiçadas, contavam trivialidades, faziam tinar pratos e talheres ao sentar-se às mesas, comiam de boca aberta e paqueravam as mulheres, muitas vezes acompanhadas pelos filhos, que, manhosos, puxavam-lhes a barra do vestido exigindo guloseimas. Lá fora, como que em transe, o mendigo mergulhava a mão em forma de concha na imundície líquida do escoadouro, no caldo de impurezas, e bebia e fazia como se mastigasse alguma coisa, espantando os clientes que chegavam. O confeitiro fígado pela cena burlesca e, ao mesmo tempo, cruel, fingindo aos demais tranqüilidade, dirigiu-se à entrada do estabelecimento, deixando o lucro do negócio aos atendentes, quando a imagem, captada àquela distância, o horrorizou. Pelo choque, rompeu convulsivamente em pranto, lançando impropérios a si mesmo; e na avareza, que lhe nublava a consciência, trovejou um arrependimento que ecoou no coração, posto que o menino deglutia não só a água suja, mas o reflexo dos doces da vitrine da confeitaria, que boiavam à flor da poça.

#### **9.4 Lentes de ferro, ente de Letes<sup>24</sup>**

A criança atrás das grades...

Estava presa, a criança?

Não, esperava alguém nas grades da creche.

Olhar de vórtice tinha o menino-presa-limite da educação.

Entrincheirado lá, a violência ficava a um palmo de distância.

Ele via por detrás das grades as ruas, os sonhos, os átomos de si.

Delírios de estar fora da blindagem cotidiana.

Era um menino delido da memória dos pais, esquecido ao deus-dará?

Ruas delgadas, não-sei-quê de intestinais,

<sup>24</sup> Na Mitologia grega, o lago em que se banhava a fronte para apagar a memória.

Quase orgânicas de tão concretas que eram naquelas retinas.  
 Grades memoriais, óculos de ver realidade.  
 Embaçou-me a criança que fui o menino que vi.

## 9.5 Esperança

A esperança pertence à vida, é a própria vida se defendendo  
 (Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2007, p. 198).

Quando Pandora desobedeceu ao pedido de Hermes, o emissário dos deuses, e abriu a caixa em que Zeus concentrou todos os males que, hoje, infestam o mundo, ouviu pronunciar-se do interior do fatídico recipiente, antes lacrado com cera, a voz lânguida da Esperança, única virtude que, no fundo, nos restou.

## 9.6 A minha cidade invisível

– O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (Calvino, *As cidades invisíveis*, 1990, p. 150).

O autor dos flagelos da civilização me apareceu em sonho. Talvez tenha advindo do gesto imprevisto de Pandora, ou mesmo nascido da matéria secreta que fez da verdade Deus. Jamais o saberei. Em meio às auras oníricas, havia algo de anômalo em sua aparência, ao contrário do que eu supunha. Era um homem emaciado e alto. O tempo parecia ter aplicado infindáveis labores em seu rosto, pois ele não o tinha mais (nem sei se já o teve alguma vez). Mil lixas o anularam e, no lugar das faces, via-se apenas uma sombra. Mantive-me calmo, como se aquela

imagem não me perturbasse, pois uma parte minha ainda conservava-se desperta: eu me encontrava em uma zona intermediária, em que os fragores da manhã se incorporavam, com tremenda harmonia, à mágica do inconsciente. E este homem, de cujo nome quero esquecer, contou-me que fez de seu destino o de todos, às épocas que não constam nos calendários: não ter rosto, e permanecer assim para todo o sempre. Não sei se veio do futuro ou se ressuscitou do passado, mas tinha ares sobrenaturais. E ele não me respondeu o porquê de fazer do próprio drama o infortúnio de todos e, também, não me deu pistas sobre as motivações ocultas que o puseram em desacordo com a humanidade. Sem que eu esperasse, começou a desfiar um segredo, e a nascente de sua voz me era totalmente estranha. Não tinha boca, mas articulava palavras com precisão invejável. O som emanava de seu corpo, não há de se entender como. Disse-me que, sem intuir a razão do castigo, recebeu o sortilégio de uma feiticeira e, desde então, tudo o que passou a tocar converteu-se em desgraça. Sem o querer, acossado por uma sina macabra, o homem amaldiçoado comentou que anda a vagar à procura do que lhe foi privado, e que imergiu em meu sonho para confiar-me uma mensagem que passo, agora – à semelhança de um arauto –, a transmiti-la:

*Haverá uma noite, não se sabe bem qual, mas que está guardada em uma dimensão que nos é inacessível agora, em que todos terão o mesmo sonho, o de que uma criatura tomará para si a memória dos homens e usurpará as palavras do mundo, e esse sonho, como uma peste, arruinará o que há de humano em nós. Só um homem, eleito para nunca sonhar, continuará a escrever, e, narrando o que se sucederá à espécie, tornar-se-á o responsável pelo registro do que um dia existiu. E*

*a sua obra resistirá a tudo e romperá os séculos e será conhecida como a Cidade ágrafa, e nunca ninguém saberá como era o rosto e o nome desse autor. E, pela simetria dos acontecimentos e a convergência dos fatos históricos, somados às figuras ilustres que compõem a evolução, um outro Champollion haverá de decifrar a grafia daquele homem, incapaz de sonhar devido a algum distúrbio mental. E os que sobreviveram às reiteradas barbáries hão de erradicar o mal que lhes atrofiou a sensibilidade. E mil cidades se reduplicarão a partir da que não tinha como perdurar.*

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao invés de reproduzir o discurso que trata da miséria, por exemplo, o autor escreveu uma narrativa ficcional em que a estética da depauperação emergiu da trama. Para não repetir o que já foi dito sobre a violência, três poemas a invocaram. Sem que se devassasse *As Cidades Invisíveis*, de Calvino, uma outra cidade, também inventada, surgiu a partir da leitura do livro. Esfacelar uma obra não diz nada a respeito dela, só se fica com as partes formais, decomponíveis, que passam a pertencer à área da propedêutica, e isso não é grande coisa. Então, com a ausência de vocábulos herméticos e de toda a algaravia científica que, muitas vezes, eclipsam mais do que elucidam, pois, como Cortázar (1999) já apontou: “É horrível falar de um jasmim com termos que servem para explicar um motor a diesel” (p. 235), o autor problematizou, de forma plástica, o que se dispôs a pensar. Evitou discussões sincrônicas; preferiu uma modalidade mais anárquica nas exposições efetuadas, até porque a dissertação se movimentou no campo experimental da escrita e se propôs a estender as fronteiras do discurso acadêmico, a partir de uma

ruptura em ato dos circuitos de repetição do mesmo. Em nenhum momento, o receptor foi subestimado, porque a validade da pesquisa se concentra nele, em suas percepções. Por isso, dentre outros casos, a palavra autoria não foi utilizada: para o bom leitor, o silêncio é ruidoso; o que está oculto tem mais significado e riqueza do que aquilo que se mostra sem esforço. Afirmações categóricas podem ter sido feitas nas páginas precedentes, mas, como há de se suspeitar, os juízos devem ser relativos, por trazerem à tona o ponto de vista do autor, que se expressou da forma que considerou a melhor possível. Às vezes, justificar o porquê de se pensar de um jeito e não de outro se torna estéril, visto que, com o passar dos anos, se acumulam experiências que se confundem com certezas, e tudo o que é humano só tem uma garantia: a morte. E se o que foi escrito for realmente importante, outros sucederão com novas idéias e proposições o que aqui foi abordado, sem que se neutralizem as diferenças ou se institucionalize um saber, e isso é o suficiente.

## 11 FILIAÇÕES TEÓRICAS<sup>25</sup>

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução: Fábio M. Alberti. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARTHES, Roland. **O Grau Zero da Escritura**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa, ed. 70, 1984. (Coleção Signos n.3.).

---

<sup>25</sup> As filiações teóricas aludem ao processo genético dos ensaios. Indicam por onde o interesse do pesquisador borboleteou; são caminhos transcorridos sem tempo de deixar pegadas. Trata-se de um acervo de inspiração e não propriamente de um guia do que foi empregado ou não no corpo do trabalho.

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira, Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BIRMAN, Joel (1995). A escritura nos destinos da psicanálise. **Pulsional**, São Paulo, n. 76, p. 20-25, Ago.
- BIRMAN, Joel. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994 (Pensamento freudiano; 3).
- BLANCHOT, Maurice. **A Conversa Infinita**. São Paulo: Escuta, 2001.
- BLOCH, Ernst. **O princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. **A memória de Shakespeare**. Espanha: Emecé, 2004.
- BORGES, Jorge Luis Borges (1960). **O fazedor**. Tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRITTON, Ronald (1994). Ansiedade de publicar: conflito entre comunicação e afiliação. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 52, p. 45-64, Dez.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- CALVINO, Italo. **O caminho de San Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CHNAIDERMAN, Miriam. **Ensaio de psicanálise e semiótica**. São Paulo: Escuta, 1989.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORTÁZAR, Julio. **Obra crítica, volume 2**. Organização de Jaime Alazraki; tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CORTÁZAR, Julio. **O Jogo da amarelinha**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs.). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud: UERJ, Instituto de Psicologia, 2007.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem, poder e ensino da língua**. Porto Alegre: WS Editor, 2006.
- D'AGORD, M. R. L. . **Psicanálise, uma invenção que não cessa de fazer efeitos**. Barbarói, Santa Cruz do Sul - RS, v. 1, n. 1, p. 107-117, 1994.
- DUCHAMP, Marcel. **O ato criador**. In: BATTOCK, G. (org.), **A nova arte**. Perspectiva, 1975.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 14.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.



ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FILHO, Raul Albino Pacheco; JUNIOR, Nelson Coelho; ROSA, Miriam Debieux. **Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento/ Michel Foucault**. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Coleção Ditos e Escritos II).

FREUD, Sigmund. Os escritores e seus devaneios (1907-08). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. As pulsões e os destinos da pulsão (1915). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O estranho (1919). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O ego e o id (1923). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Inibição, Sintoma e Angústia (1925-26). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O Mal-estar na civilização (1930). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Construções em análise (1937). In: **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Tradução de Sergio Faraco. 6ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALEANO, Eduardo. **O teatro do bem e do mal**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GONTIJO, Thais. **A escrita do analista**. Organizado por Thais Gontijo, Gilda Vaz Rodrigues, Ângela Araújo Porto Furtado, Ana Maria Portugal Maia Saliba. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JACOBY, Russell. **Imagem imperfeita – pensamento utópico para uma época antiutópica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, Frederic. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

JAMESON, Frederic. **Modernidade singular**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-54)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Seminário – Livro 1: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949)**. In: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

\_\_\_\_\_. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1949)**. In: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-323.

\_\_\_\_\_. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA NETO, M. R. . **55 Começos**. Florianópolis: Editora da Casa, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. Tradução Cordélia Magalhães. São Paulo: ARX, 2004.

MACHADO, Ana Maria Netto. **Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MELLO, Jansy Berndt de S. A escrita em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 52, p. 29-36, Dez. 1994.
- MENEZES, Luis Carlos. Da escuta ao trabalho da escrita. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 52, p. 37-44, Dez. 1994.
- MEZAN, Renato. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ORWELL, George. **1984**. 23. ed. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Editora Nacional, 1996.
- PAZ, Octavio. **A outra voz**. Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POLI, Maria Cristina. **Pesquisa em psicanálise**. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Onde fala um analista. Porto Alegre: APPOA, ano XII, n. 29, 2005, p. 42-47.
- RABINOW, Paul & DREYFUS; H. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RICKES, Simone. Escrita da clínica e transmissão da Psicanálise. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 25, p. 119-133, Out. 2003.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROCHA, J.B. Fernando. A angústia do analista frente à produção teórica. **Revista do CEP-PA**, Porto Alegre, n. 3, p. 27-34, Ago. 1995.

SHAW, Bernard. **Pygmalion**. New York: Dover twist edition, 1994.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o ofício do escritor**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUSA, Edson Luiz André; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão. **A invenção da vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SOUSA, Edson. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editora, 2007.

VALERY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

WILDE. Oscar. **A alma do homem sob o Socialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2003.